

III Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XVIII Jornadas de Investigación Séptimo Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2011.

Representações sociais e habilidades de vida de alunos de escolas estaduais do Município de São Paulo/Brasil.

Franco Barbosa Puglisi, María Laura, Lucci, Marcos Antonio y Infante, Angela María.

Cita:

Franco Barbosa Puglisi, María Laura, Lucci, Marcos Antonio y Infante, Angela María (2011). *Representações sociais e habilidades de vida de alunos de escolas estaduais do Município de São Paulo/Brasil*. III Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XVIII Jornadas de Investigación Séptimo Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-052/475>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E HABILIDADES DE VIDA DE ALUNOS DE ESCOLAS ESTADUAIS DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO/BRASIL

Franco Barbosa Puglisi, María Laura; Lucci, Marcos Antonio; Infante, Angela María
SEE-Secretaria de Estado da Educação São Paulo e UNIFEO. Brasil

RESUMEN

O objetivo desta pesquisa foi o de identificar, analisar e interpretar Representações Sociais, elaboradas por jovens alunos, sobre o futuro e sobre o tipo de conhecimentos importantes para “vencer na vida”, além disso, trabalhamos com as Representações sociais sobre a escola e sobre o professor “ideal”. Foram aplicadas Prova de Língua Portuguesa e Teste de Habilidades de Vida em 741 alunos de 9º ano do Ensino Fundamental. Para o recorte desta pesquisa com Representações Sociais foram selecionados 85 alunos que obtiveram os melhores resultados nas provas e testes. As representações sociais elaboradas pelos alunos, no que se refere ao futuro a maioria declara estar preparada para ele e que este será melhor que o presente. Quanto ao tipo de conhecimentos que são importantes para “vencer na vida” 50% indicaram aspectos relativos a elementos afetivo-emocionais ou místicos. Com relação à escola 65% afirmam que ela é necessária para ter um futuro melhor. Dentre os participantes, 70% destacam que o professor ideal é aquele que compreende os seus problemas.

Palabras clave

Representação social Habilidades Psicologia

ABSTRACT

SOCIAL REPRESENTATIONS LIFE SKILLS OF STUDENTS OF SCHOOL STATE OF THE CITY OF SÃO PAULO / BRAZIL

The objective of this research was to identify, analyze and interpret social representations, made by young students about the future and about the kind of knowledge important to “get ahead in life,” also represents the working with social representations of school and “ideal” teacher. Were applied Proof of Portuguese Language and Life Skills Test in 741 students from 9th grade in elementary school. For the cutting of social representations research selected 85 students who achieved the best results in trials and tests. The social representations elaborated by the students, with regard to the future the majority declares to be prepared for it and that it will be better than the present. Regarding the type of knowledge that is important to “get ahead in life” 50% reported issues relating to an affective-emotional or mystical. With respect to school 65% say it is necessary to have a better future. Among participants, 70% report that the ideal teacher is one who understands their problems.

Key words

Social representation Skill Psychology

APRESENTAÇÃO

Este trabalho desenvolveu-se em duas etapas. Na primeira, foram construídas e aplicadas provas de Português, de Matemática e de “Habilidades de Vida” em 741 alunos de nono ano do ensino Fundamental e oriundos de oito Escolas Estaduais localizadas na região oeste do Município de São Paulo, Brasil.

Tendo em vista a correlação positiva, observada entre o desempenho em “Habilidades de Vida” e o resultado da prova de Língua decidimos trabalhar com as Representações Sociais de uma parte dos alunos envolvidos na pesquisa.

Esta decisão foi tomada, a partir de nossa crença de que a escola não pode e nem deve desenvolver propostas “no abstrato” e distantes do conhecimento do contexto concreto que lhes dá sustentáculo e que se verifica, entre outros fatores, a partir do conhecimento das aspirações e representações sociais de seus destinatários.

Neste sentido, os dados obtidos, via realização da pesquisa com Representações Sociais, serão objeto de discussão neste trabalho.

Antes, porém, gostaríamos de esclarecer o que estamos entendendo por “Habilidades de Vida” e o papel da educação no sentido de promovê-las.

HABILIDADES DE VIDA

Enfocar o tema “Habilidades de Vida” justifica-se uma vez que após a crise dos anos 90 (do século passado), o mundo vem buscando superar o desafio de ter que encontrar respostas no sentido de alcançar um progresso técnico, articulado a um crescimento ambientalmente sustentável, promotor de maior equidade e democracia. Inicia-se, nesse momento, a sinalização de que a incorporação e difusão do avanço tecnológico viriam constituir fator fundamental para que a América Latina e, em especial o Brasil, alcançasse uma inserção bem sucedida na economia mundial. Para tal, seria preciso enfrentar uma crescente competitividade que, quando relacionada às inovações na Ciência e na Tecnologia, supõe contar com recursos humanos bem preparados e com capacidade de agregar, progressivamente, os valores intelectuais, visando não só preservá-los como enriquecê-los.

Além de recursos humanos bem preparados do ponto de vista de aquisição de conteúdos disponíveis, nas diferentes áreas do conhecimento, torna-se imprescindível vincular a educação às inovações tecnológicas, aos novos meios de comunicação e à informática. Para tanta é necessário que a educação esteja apoiada numa visão que contemple as necessidades dos alunos, da sociedade e, inclusive, as habilidades necessárias para

o enfrentamento das situações do cotidiano.

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Com já dissemos, a segunda etapa desta investigação, teve por objetivo trabalhar com as Representações Sociais elaboradas pelos alunos pesquisados. Antes, porém do relato desta segunda etapa, gostaríamos de justificar o porquê de nossa escolha, no que diz respeito às Representações Sociais.

As Representações Sociais são elementos simbólicos que os indivíduos expressam mediante o uso de palavras e gestos. No caso do uso de palavras, utilizando-se da linguagem oral ou escrita, os indivíduos explicitam conhecimentos, opiniões, sentimentos conscientes ou inconscientes, emoções, crenças, valores, pensamentos absorvidos pela mídia e gestados no bojo de diferentes situações culturais e sociais, expectativas objetivas ou subjetivas. Estas mensagens, mediadas pela linguagem, são construídas socialmente e, portanto, estão necessariamente, ancoradas no âmbito da situação concreta dos indivíduos que as emitem. (FRANCO, 2004)

Acreditamos que as Representações Sociais são elaborações mentais construídas socialmente, a partir da dinâmica que se estabelece entre a atividade psíquica do sujeito e o objeto do conhecimento, seja ele objetivo ou subjetivo, relação que se dá na prática social e histórica da humanidade e que se generaliza pela linguagem. (FRANCO, 2004)

Segundo Moscovici sujeito e objeto do conhecimento formam um conjunto indissociável. Isso quer dizer que um não coexiste sem o outro e se auto-influenciam e a sua relação é que determina o próprio objeto. (MAZZOTTI, 2002)

A ruptura com a clássica dicotomia entre sujeito e objeto do conhecimento, que confere consistência epistemológica à teoria das Representações Sociais, levamos a concluir que o objeto pensado e falado é, portanto, fruto da atividade humana, ou seja, uma réplica interiorizada da ação. Isso conduz à percepção das Representações Sociais como importantes indicadores que se refletem na prática cotidiana, tanto de professores quanto de alunos, sem contar com os demais profissionais envolvidos no exercício de suas competências, no âmbito da Psicologia Educacional.

A PESQUISA

O objetivo desta pesquisa foi de identificar, analisar e interpretar Representações Sociais, elaboradas por jovens alunos, sobre o futuro e sobre o tipo de conhecimentos importantes para “vencer na vida”, além disso, trabalhamos com as Representações sociais sobre a escola e sobre o professor “ideal”.

Da totalidade de alunos (741) que, na primeira etapa desta pesquisa, foram submetidos a prova de Língua Portuguesa e de Habilidades de Vida, selecionamos 85, de ambos os sexos e com idade entre 13 a 16 anos.

A eles, solicitamos que respondessem a questões, contidas em um questionário “reflexivo”, composto por

questões “fechadas” e “abertas”, que continham indagações sobre as representações sociais, objeto deste estudo.

Aos alunos foi explicado que o questionário não se tratava de um exame ou de uma prova. Solicitou-se que refletissem a partir das questões para poder respondê-las de uma forma bem pessoal, sincera e mais completa possível.

Os dados coletados foram submetidos a uma Análise de Conteúdo, concebida como um procedimento utilizado para fazer inferências a partir das características das mensagens. Se a descrição (a enumeração das características de uma mensagem, após o tratamento inicial via “leitura flutuante”) é a primeira etapa necessária e se a interpretação (o sentido atribuído a essas características) é a última fase, a inferência é o procedimento intermediário que vai permitir a passagem da descrição à interpretação (FRANCO, 2008).

RESULTADOS

Representações Sociais sobre o Futuro

Neste item, convém distinguir os “otimistas” e os “pessimistas” (ou quem sabe não sejam tão “pessimistas”, mas, simplesmente mais realistas!).

Assim é que 60% dos pesquisados acreditam: “*estar preparados para o futuro*” ou que o “*futuro será melhor que o presente*”.

Por outro lado, são poucos (11%) os alunos que enxergam o futuro com determinação, indicando, neste caso, uma profissão definida e provavelmente acessível.

Uma porcentagem significativa (21%) diz: “*vejo o futuro com muitas dificuldades*”. Alguns (12%) expressam uma evidente apreensão e afirmam: “*não vejo nada*”, “*o futuro é amanhã e mais nada*”, “*só penso no presente*”, “*posso estar morto*”, entre outras declarações.

Representações Sociais sobre o tipo de conhecimentos que são importantes para “vencer na vida”

Indagados sobre o tipo de conhecimentos que devemos ter para “vencer na vida”, 50% indicaram aspectos relativos a elementos afetivo-emocionais ou místicos, tais como: “*respeito*”, “*amor*”, “*dignidade*”, “*religião*”, “*crença em Deus*”, “*ajuda de Jesus*”.

Outros (24%) com um “pé mais no real”, mas mesmo assim primordialmente direcionados pelas exigências atuais do mercado de trabalho e pela conscientização da dominação econômica e cultural mediante a qual estamos sendo submetidos, dizem: “*é preciso saber Informática*”, “*é preciso ser bom em Computador e entender tudo da Internet*”, “*é necessário ter uma especialização, senão a gente não arruma emprego*”, “*ninguém vai ser nada na vida se não souber falar Inglês*”.

Poucos (6%) optaram por escolher outras habilidades do tipo: “*ser esperto*”, “*saber viver*”, “*ter um bom relacionamento com as pessoas*”, “*adquirir conhecimentos para poder enfrentar e vencer o cotidiano*”.

A partir da análise dos dados registrados neste item, acreditamos que um aspecto merece ser transformado em um ponto para reflexão.

Na medida em que observamos uma expressiva porcen-

tagem (50%) daqueles que se ancoram em elementos espirituais como “a ajuda de Jesus”, “a crença em Deus”, entre outras, tecemos as considerações a seguir.

Sem desmerecer a importância do significado que a religião assume no cotidiano de muitas pessoas, é preciso, no entanto, ficar atento para o fato de que este apelo indiscriminado às explicações espirituais para dar conta de resolver nossos conflitos e dificuldades, pode gerar um comportamento de conformismo, de impotência, ou, o que é pior, de alienação, visto que é atribuído a Deus o êxito e ao sujeito o fracasso. Portanto, compete aos professores explicitar para os alunos, os reais e concretos obstáculos que se antepõem à obtenção de algumas metas e à consecução de muitos objetivos. Em suma, este compromisso com o desenvolvimento da consciência crítica do aluno deve estar presente no cotidiano escolar para que os mesmos possam entender o porquê a “crença em Deus” não resolve tudo e, o porquê acreditam que “ninguém será nada na vida se não souber falar Inglês!”.

Representação Social sobre a escola e o tipo “ideal” de professor

Quanto ao motivo pelo qual frequentam a Escola, 65% afirmam que é “para ser alguém na vida”, “para ter um futuro melhor”, em geral vinculado ao mercado de trabalho.

A expectativa em relação à escola é bastante alta chegando às vezes a ser exagerada quando declaram: “somente através dela é que conseguiremos melhorar na vida”. São raras as exceções (3%) que afirmam “só estudo porque meus pais me forçam”, ou “porque sou obrigado”.

Sabemos as escolas brasileiras estão aquém no que diz respeito à formação integral de crianças, jovens e adultos. Conhecemos as mazelas e os problemas com os quais convivem grande parte das escolas, o que em última instância, acaba dificultando a obtenção de um ensino de qualidade. No entanto, ainda é considerada importante principalmente, para as camadas menos favorecidas da população. Os que a procuram, são jovens que, desprovidos dos mecanismos “clientelistas” para a inserção no mercado de trabalho, ou impossibilitados de arcar com os ônus necessários para a busca de alternativas ligadas ao desenvolvimento profissional autônomo, depositam na escola e na educação a única esperança de conseguir melhores condições de vida e empregos mais qualificados.

Neste sentido, vale salientar que quando solicitados a responder se a “escola está correspondendo às suas expectativas”, somando aqueles que dizem “em parte” ou “não”, 30% justificam: “a escola está longe de se adequar às exigências do mercado de trabalho”; “a escola não me prepara para o futuro”; “a escola está defasada”; “os professores faltam muito”; “os professores não explicam direito”.

Paradoxalmente, quando solicitados a identificar as características dos professores de que mais gostam, apenas 30% ressaltam os aspectos cognitivos e didático-pedagógicos: “aquele que ensina e a gente aprende”,

“aquele que ensina direito”, “aquele que sabe a matéria”, “aquele que ajuda a gente aprender e ir bem nas provas”.

Os demais, (70%) destacam aspectos mais ligados a condições afetivo-emocionais, ou ligados à falta de orientação didática ou de avaliação dos professores, tais como: “aquele que é legal”, “a professora de Geografia porque ela é legal, bacana e brincalhona”, “aquele que tem um bom relacionamento com a gente”, “aquele que compreende os nossos problemas”, “aquele que escuta o que queremos dizer e dá bons conselhos”, “não adianta saber ensinar, o professor tem que ouvir”, “gosto da professora de Inglês porque ela não corrige a gente (...) só fala que tem tempo para aprender, que um dia a gente aprende”.

É evidente que ser compreensivo e manter um canal aberto de diálogo com os alunos, são posturas válidas e fundamentais para a manutenção de um equilíbrio desejável na interação em sala de aula e na condução de uma proposta educacional significativa. Mas, o professor não pode se omitir de seu compromisso de ensinar e de acompanhar sistematicamente a aquisição da aprendizagem por parte de seus alunos. Neste sentido, cabe indagar: e os professores como estão sendo preparados e para quê?

A guisa de considerações finais tentaremos discutir esta questão, ressaltando ser um aspecto ainda não resolvido e, por isso, fortemente presente na agenda dos educadores brasileiros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seja no interior das Universidades, ou nos muitos Programas de Educação Continuada que temos tido oportunidade de acompanhar e avaliar, a tônica atual incide na formação de professores “construtivistas”.

Sob este rótulo, confundem-se autores que, a despeito de uma mesma matriz epistemológica interacionista (como Vigotsky), postulam teorias que são muito diferenciadas entre si. No entanto, nem sempre os professores têm oportunidade de compreender e aprofundar os pressupostos teóricos e metodológicos que embasam tais abordagens.

Daí, o que se observa é uma pasteurização de teorias e ser “construtivista” acaba transformando-se em uma “palavra de ordem” em mais um “modismo” e em um rótulo desprovido de seu real significado. A interpretação distorcida do que é uma aprendizagem dita “construtivista”, muitos equívocos são cometidos.

O que é uma pena, pois, se a concepção do processo de ensino-aprendizagem que se apoia em teóricos da envergadura de Vigotsky, bem como de seus seguidores e interlocutores, fosse real e adequadamente disseminada, muito teria a contribuir para uma prática pedagógica bem mais significativa e menos equivocada.

De uma maneira geral, dentre os equívocos que estão sendo cometidos, um deles diz respeito ao desencadeamento de uma prática pedagógica na qual se procura valorizar o processo de aprendizagem e a interação professor/aluno, no vazio. Por mais válidos que possam

ser esses componentes, a forma não pode ser “abstrata”, esvaziada de conteúdos e distante da resolução de situações problemas. Conteúdos, indubitavelmente, importantes para a aquisição de conhecimentos necessários e significativos para a vida e situações problemas que, quando bem planejadas e orientadas para uma adequada busca de soluções, concentram grande probabilidade de contribuir para o desenvolvimento crítico e integral do aluno, em sua condição de cidadão.

Outro equívoco específico e decorrente de uma absorção acrítica dos fundamentos que apoiam uma concepção “construtivista” se refere à exagerada e extremada aceitação, por parte do professor, da chamada “escrita espontânea”. Este fato, ao invés de, supostamente, vir a ser uma atitude democrática, acaba sendo fundamentalmente antidemocrática.

Queremos abordar e destacar este aspecto a partir de dois motivos principais: um contextual e baseado em dados empíricos e outro, de caráter prospectivo.

A partir da leitura das respostas dadas às questões “abertas” do questionário, constatamos a presença de boa quantidade de alunos, que, apesar de estarem cursando a 8ª série do Ensino Fundamental, podem ser considerados como “não alfabetizados”. Cometem graves erros de ortografia, não observam as regras básicas de concordância, erram na pontuação, enfim, não conseguem articular frases e a estrutura dos textos de uma forma a torná-los minimamente inteligíveis. Em verdade, tivemos muita dificuldade na tentativa de decodificar os pensamentos expressos e apreender os conteúdos e significados das opiniões emitidas.

Ora, são esses alunos (e que esperam tanto da escola) os que irão supostamente concorrer, em condições de igualdade, com outros (com certeza mais bem preparados) a um posto, um cargo, uma ocupação no mercado de trabalho, ou irão disputar, com seus pares, a tão almejada possibilidade de continuar os estudos e, quem sabe, ingressar no Ensino Superior. Sabemos que estarão em desvantagem devido a qualidade de escolarização que lhes é oferecida.

Não estamos negando a importância da ênfase a ser dada ao “ensino centrado no aluno”, ao respeito a seu ritmo individual e ao desenvolvimento de atitudes do professor voltadas à valorização da autoestima, do autoconceito e da personalidade de cada um. Evidentemente, essas e outras condições são indispensáveis para o bom andamento das tarefas escolares. Temos a reiterar, no entanto, que lamentamos a maneira acrítica que caracteriza a inadequada absorção conceitual das teorias ditas “construtivistas” e “psicologizantes” na Educação.

Na esteira de uma postura “romântica”, é bastante comum encontrar professores perdidos, que priorizando uma relação “amistosa”, “paciente” e “afetiva” com seus alunos, estão questionando pressupostos básicos e tradicionais das teorias de aprendizagem que apontam para a necessidade de desenvolver técnicas e de utilizar eficientes materiais instrucionais para que os alunos aprendam.

Neste sentido, é necessário levar em conta a importância de oferecer efetivas oportunidades para que os professores possam ressignificar suas práticas, elaborar seus próprios projetos e assim, poder tomar decisões consistentes e adequadas à realidade na qual estão inseridos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Franco, Maria Laura P. B. Representações Sociais, Ideologia e Desenvolvimento da Consciência. Revista Cadernos de Pesquisa. Fundação Carlos Chagas, FCC/SP, 2004

Franco, Maria Laura, P. B. Análise de Conteúdo, 4 ed., Brasília, DF: Líber Livro, 2008.

Mazzotti, Alda. A Abordagem Estrutural das Representações Sociais. In Psicologia da Educação: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados, PUC/SP, 2002.